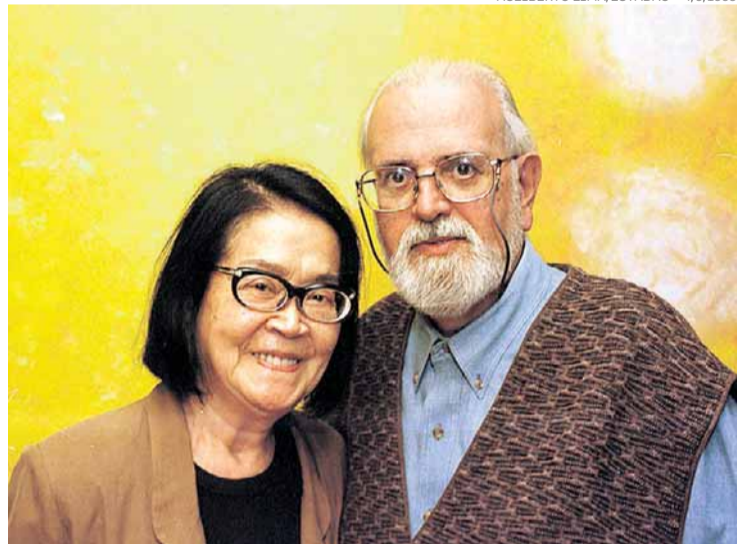


TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO - 2/8/2013

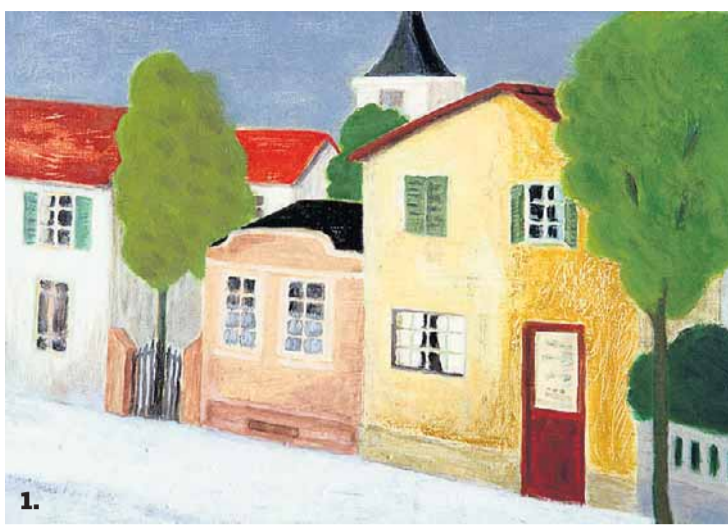
**Última fase.** Tomie Ohtake em seu ateliê, em 2013, ao lado das derradeiras telas que produziu



AGLIBERTO LIMA/ESTADÃO - 4/9/1998



**Par.** Tomie e Haroldo de Campos fizeram gravuras juntos



1.



3.

1. Pintura figurativa do início da carreira  
2. Tomie e o irmão Teinosuke Nakakubo quando chegou do Japão  
3. Tela de 1978

FOTOS DIVULGAÇÃO

2.



“

Tudo o que tenho a dizer está dito em meu trabalho. Nunca planejei de modo racional as minhas formas; elas simplesmente surgiam”

“Não gosto de coisas pequenas, nem de pintar com a ponta dos dedos. Uso o corpo todo”

“O (crítico) Mario Pedrosa disse: ‘Tomie, você não quer experimentar pintar umas telas com os olhos fechados?’ Fiz e quando abri os olhos, uma imagem apareceu e não era uma forma certa”

TOMIE SOBRE SUA SÉRIE DE PINTURAS CEGAS, DOS ANOS 1960

“Foi a luz amarela daqui – me apaixonei logo ao desembarcar no porto de Santos”

“No Japão, é tudo zen. Falam zen, zen. Eu nem pensava nisso. Zen é o que você está fazendo. É o movimento de uma pessoa”

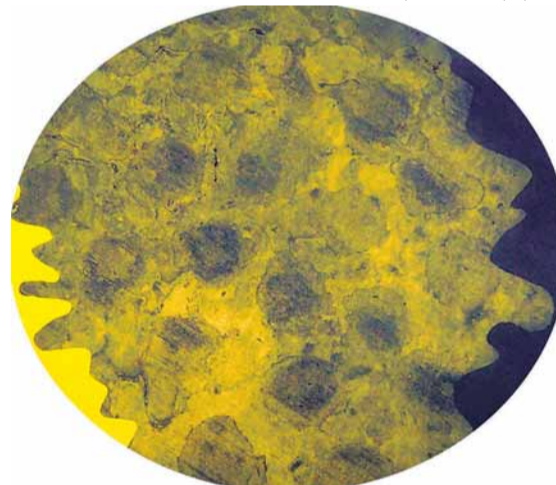
HÉLVIO ROMERO/ESTADÃO - 26/9/2005



**Às cegas.** Nos anos 1960, por sugestão do crítico Mario Pedrosa, ela pinta de olhos vendados

JF DIORIO/ESTADÃO - 29/10/2012

**Gravura.** Além da pintura, ela fez séries de gravuras, inclusive com o poeta Haroldo de Campos



## Uma artista distante de grupos e dos manifestos

Ela sempre acreditou que suas realizações deveriam ser vistas sem título, sem retórica ou mesmo justificativa

**Paulo Miyada**  
ESPECIAL PARA O ESTADO

Se gostasse de falar muito, Tomie Ohtake provavelmente seria adepta do bom “estou te explicando para te confundir”: ela sempre acreditou que suas realizações deveriam ser vistas sem título, sem retórica ou justificativa. Queria que sua vida, leituras e amigos permanecessem no foro privado, enquanto ao público seria dado o desafio de encarar da maneira mais concentrada o seu jogo de formas, cores e gestos.

Talvez nesse espírito de desorientar para nos deixar escolher como olhar e pensar, Tomie Ohtake usava um clichê para explicar a quem perguntasse por que havia escolhido ficar no Brasil em sua visita de 1936. “Foi a luz amarela daqui, me apaixonei logo ao desembarcar no porto de Santos”, ela dizia, fazendo uma pausa e completava “o Japão não tinha essa luz”. Não, quicá não havia mesmo, nem a família que ela logo iniciou por aqui, nem os modos de se relacionar e tampouco, quem sabe, a estrada que Tomie Ohtake começou a abrir



DIVULGAÇÃO

**Última mostra.** Obras da artista foram exibidas no ano passado na Galeria Nara Roesler do Rio

interpretação; e paciente, sem ser autocomplacente.

Se formos pensar, não são só qualidades admiráveis em artistas, pois fariam qualquer pessoa mais interessante. Por isso também, mesmo sem ingressar em grupos, Tomie sempre foi amada por seus colegas artistas. Uma artista de artistas, como escreveu uma vez Agnaldo Farias.

Mesmo quietinha, Tomie Ohtake sabia das coisas. Em 2013, ela sabia que só alcançou seu centenário graças ao apoio de sua família e à continuidade de seu trabalho. Nos últimos meses, por outro lado, sabia que sua obra estava concluída, que muito tinha sido feito e – como só sabem os muito sábios ou muito simples – que era hora de descansar. Por isso, ela também nos ensinou que não é hora de desespero, mas que não há como evitar os rios de saudade que continuarão acompanhando os caminhos que se cruzaram com a sua estrada.

Eu agradeço a Ricardo Ohtake e sua família, que me deixaram encontrar Tomie em tempo de aprender tanto. Eu agradeço a Tomie, que além de tudo emprestou abraços e sorrisos que não serão esquecidos.

\*  
**PAULO MIYADA** É COORDENADOR DO NÚCLEO DE PESQUISA E CURADORIA DO INSTITUTO TOMIE OHTAKE

em 1957, ao tornar-se artista profissional e, alguns anos depois, chefe da família.

Quando a conheci, já em 2011, ela havia percorrido muito dessa estrada, com os filhos e netos muito bem criados e tendo produzido centenas de obras, várias das quais estão em importantes coleções públicas

e privadas ou, aquelas de que mais se orgulhava, nas ruas e em espaços de convívio de nossas cidades. Para isso driblou os obstáculos que se impõem a todos os artistas, no seu caso agravados por não ter assinado manifestos numa época de grupos e movimentos, sempre preferido resguardar a sua autono-

mia e, mais importante, a de sua obra, que não podia correr o risco de se reduzir à ilustração de qualquer teoria estanque.

Assim, pude observar onde tinha chegado Tomie Ohtake e tentar adivinhar, às vezes fazendo perguntas que exigiam bastante de sua memória, como teria sido seu caminho. Foi

desse jeito que ela me ensinou a admirar algumas das grandes qualidades que se pode encontrar em um artista: ser íntegro sem por isso imitar a si mesmo; impetuoso, sem deixar-se dominar pela ganância; rigoroso, sem excluir os espaços para acidentes; abrangente, sem eliminar margens de